

TEMPESTADE EM ALTO-MAR*

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa**

Resumo:

*Tradução com comentários de uma cena de tempestade na **Odisséia** de Homero (V, vv. 278-383). Poseidão provoca a tempestade que quase suga e mata Odisseu. As deusas Ino Leucoteia/ Brancadei (que lança para ele seu véu protetor) e Atena vêm para resgatá-lo. Julgamos que a passagem*

* Recebido em: 25/02/2017 e aceito em: 31/03/2017.

Agradeço ao Lhia, ao Deivid, que formalmente me convidou, à Regina, ao Fábio, aos que acolheram a indicação do meu nome para esta conferência. É uma honra poder estar como colaboradora no Lhia/ UFRJ, a 1ª colocada no ranking universitário de 2016 da *Folha de S. Paulo*. Parabenizo-os, sobretudo, pela escolha do tema, pela sintonia com os problemas críticos de nossa época. A Organização das Nações Unidas no Brasil (ONUBR), em 18/01/2017, relatou: “Em 15 dias, mais de 2,8 mil migrantes chegaram à Europa pelo Mediterrâneo. A Organização Internacional para as Migrações (OIM) informou na semana passada que 2.876 refugiados chegaram à Europa pelo mar nos 15 primeiros dias de 2017, em comparação com os 23.664 migrantes que entraram no continente no mesmo período do ano passado. Os migrantes desembarcaram principalmente na Itália (2.851) e na Grécia (691), repetindo o cenário observado em 2016. De acordo com a agência da ONU, durante o período, houve 219 mortes, em comparação com os 91 óbitos nas primeiras semanas de 2015. O número de vítimas é considerado baixo pelo Projeto de Migrantes Desaparecidos da OIM, que está investigando relatos recentes que acrescentariam pelo menos mais 200 mortes ao número total. Funcionários da OIM de Roma informaram que tiveram a oportunidade de falar com quatro sobreviventes de um trágico naufrágio ocorrido no último sábado (14) nas águas entre a Líbia e a Itália. Há relatos de que um barco com cerca de 180 migrantes a bordo teria virado no mar agitado próximo ao largo da costa da Líbia. “Parece provável que este incidente tenha resultado na morte de mais 100 pessoas. Ainda não sabemos as nacionalidades das vítimas ou se havia mulheres e crianças no navio. Trata-se de um começo trágico para o ano novo”, disse o diretor do escritório de coordenação da OMI para o Mediterrâneo em Roma, Federico Soda.” Cf. <https://nacoesunidas.org/mais-de-28-mil-migrantes-chegaram-a-europa-pelo-mediterraneos-15-primeiros-dias-de-2017/> Acesso em 04/02/2017.

** Professora associada da Universidade Federal de Minas Gerais. CNPq/Fapemig.

como um todo pode ser analisada como uma alegoria. Esta memorável passagem pode nos servir de estímulo para pensar o conceito de “resiliência” e associar a cena à situação de pelo menos 3.800 pessoas que, até 2016, morreram ou foram perdidas no Mar Mediterrâneo.

Palavras-chave: tradução; Homero; **Odisseia**; tempestade; resiliência; crise migratória.

STORM ON THE HIGH SEAS

Abstract: *We offer a translation and commentaries of a storm passage in Homer’s **Odyssey**, (V, 278-383). Poseidon stirs up the storm, which nearly drags and kills Odysseus. The goddesses Ino Leucotea/ Brancadei (who throws his protective veil to him) and Athena come to his rescue. We propose that the whole passage can be analyzed like an allegorical picture. A remarkable and emblematic passage like that stimulates us to think about the concept of “resilience”. Finally, we compare the storm scene and the migrant crisis when, until 2016, at least 3,800 persons died or were declared missing in the Mediterranean Sea.*

Key-words: translation; Homer; **Odyssey’s storm**; resilience migrant crisis.

O mar e os gregos¹

Sobre a Grécia, Marie-Claire Beaulieu (2016, p. 1) abre a introdução de seu livro intitulado **The sea in the Greek imagination** com uma frase de impacto que resume, definitivamente, a eterna condição dessa terra: “O mar está por toda parte nas paisagens gregas”.² Antes de Beaulieu, porém, Françoise Létoublon (2001, p. 27) afirmou, em sintonia com a colega, que “o mar, por certo, figura como meio natural dos gregos”.³ Beaulieu no referido estudo, contudo, vai além, alarga horizontes e ratifica:

Dos cumes de montanhas escarpadas às baixas planuras, o Mediterrâneo raramente fica fora da vista. Para os ilhotas e para os moradores da costa marítima ele é mais do que uma realidade geográfica, é um modo de vida. E isso era ainda mais verdadeiro para os gregos da Antiguidade, que eram excelentes marinheiros e pescadores tarimbados, desde os primeiros tempos. Na verdade, os gregos contavam com o mar não só para seu sustento e transporte, mas também para notícias, guerras, trocas comerciais e políticas, bem como para o desenvolvimento científico. O mar também ocu-

*pou um lugar importante na vida religiosa dos gregos. A água do mar foi usada para vários tipos de purificação, muitos rituais eram realizados à beira-mar, e alguns festivais prescreviam jogar no mar, aos deuses, as oferendas.*⁴

Entretanto, é Létoublon quem realça a obscura e instigante etimologia do termo definidor das grandes águas sonoras e moventes: θάλασσα! (LÉTOUBLON, 2001, p. 28). Beekes (2010, p. 74; p. 530), por sua vez, aponta uma questão curiosa; segundo ele, para nomear o “mar”, os gregos não usaram a raiz comum europeia, mas recorreram a palavras antigas. Assim, ἄλς, que antes era “sal”, tornou-se o mar salgado, e πόντος, antes “caminho”, mar-alto; de outro modo, eles tomaram termos de um suposto pré-grego: é o caso de πέλαγος, “via de passagem”, e θάλασσα, a palavra misteriosa de Létoublon.

Todavia, essa grande massa de água – seja no masculino (ὁ πόντος, ὁ πέλαγος ou ὁ ἄλς) ou no feminino (ἡ θάλασσα), seja *the sea*, o mar ou *la mer* – é água de ambíguo caráter: alimenta, é via de passagem, meio que conduz à guerra e à morte, elemento que constitui um povo, que firma a cultura; assunto para fazer literatura.

Mar, lugar onde a liberdade, os encontros e o fracasso residem; espaço de júbilo, surpresa e medo; rota e fronteira. Certo é que esse Mediterrâneo, o mar que chamamos greco-romano, é origem de múltiplas estratégias de sobrevivência, inclusive a que se faz com e pela arte; arte que transporta, de lá para cá, ideias.⁵ Seu encanto, sua complexidade natural, sua grandeza e formosura surpreendem e justificam o fato de que os helenos concebiam-no até como morada de deuses (aqui, nele reside Iemanjá!).

Rodríguez López (2008, p. 178),⁶ como Létoublon e Beaulieu, reafirma que a Grécia antiga (e, acrescente-se, igualmente a moderna) é, por antonomásia, desde sempre uma terra marinheira. Ela e o Mediterrâneo, que a esculpiu, continuam sendo matéria-prima que originou múltiplas e profundas crenças, práticas, textos e fantasias. Cercados de água, os gregos, tal como propõe Juan Antonio Roche Cárcel em **El mar en las literaturas del Mediterráneo Occidental** (2008),⁷ precisaram poetar essa natureza circundante para se autodefinir. Foi, talvez, por isso que o mar se converteu para eles em “contrafigura da vida humana”, tornou-se espelho que refletia os homens, sua vida e labutas. Pois bem, se o mar é matriz literária para inumeráveis textos e se o queremos grandioso a ponto de se abeirar ao

sublime, bastar-nos-ia – para arrebatarmos aos poetas o desejo de emular – imaginar nele a circunstância exasperada de uma borrasca.

Poderíamos pensar que tal concepção se firmasse somente para a Antiguidade ou apenas na região do Mediterrâneo; não é assim. A interação com e o enfrentamento do mundo de águas são tarefas ordinárias para muitos; os temporais continuam a abastecer relatos de vitórias e derrotas. Todos os dias, em algum lugar, alguém reconta um sucesso, um malogro e um combate no mar. Testemunhos mostram – esquecendo por um instante a onda cruel que avança e arrebenta nas praias de países de todo o mundo com refugiados desprotegidos que fogem de guerras e infortúnios – nossa ligação visceral com o universo das águas. Frye Gaillard e as colegas Sheila e Peggy coletam depoimentos de habitantes da região do Alabama que passaram pelo furacão Katrina no Oceano Atlântico. Dos relatos, destacamos apenas um para sensibilizá-los para o tema:

“Chuva, a mais gelada e pesada que eu jamais senti, implacável, me abateu”, ela disse. “Aí um vento depravado me pegou e me afundou para dentro dum buraco desses de uma árvore arrancada. Atriquei num galho e agarrei minha vida querida, mal e mal notando os barulhos medonhos à minha volta – os guinchos de pássaros espavoridos, o grito aflito de um bezerro afogando, os gemidos mortais da velha égua branca do Sr. Deakle soterrada debaixo do celeiro que caiu.” (GAILLARD, 2008, p. 3)⁸

A adolescente de 13 anos, Alma Bryant, conta sua experiência bem no meio do olho do furacão: ela se salvou trepando por cima de escombros que boiavam entre “galinhas mortas, capados inchados, cobras se contorcendo” (GAILLARD, 2008, p. 3).⁹ Ao fim dos depoimentos, Gaillard (2008, p. 4) conclui, pragmático: “[F]uracões vêm, furacões vão, exigindo resiliência dos que sobrevivem”.¹⁰

Eis aqui uma das mais fortes razões para a fecundidade do *tópos* que elegemos: ele cria modelos de resiliência. O relato da sobrevivente ao Katrina serviu para entendermos a posição de Alma Bryant, que superou porque agiu e reagiu positivamente às adversidades impostas. O valor intrínseco de vermos, lermos e interpretarmos as tempestades no mar é que elas são provas de nossa gana – ou desgosto – pela vida. Talvez seja este o objetivo de discorrermos sobre o tema, metáfora de resistência e superação em tempos difíceis.

O mar literário

Se o mar está por toda parte, ele, coincidência ou não, está presente também em toda a antiga literatura grega remanescente. Evidentemente, seria ingênuo pensar que pudesse haver uma única visão de tão “insólido” elemento, definido e nomeado de tantas maneiras. Muitos mares há; e o nosso é tempestuoso. Escolhemos Homero como base. O aedo seria para nós uma tábua de salvação, pois ele congrega um repertório cultural comum, se nos reportamos aos seguidores da teoria formular de Milman Parry,¹¹ hoje já bastante modificada, mas guardando a essência de sua hipótese.

Os poemas homéricos definiram, em palavras e fórmulas – atualmente entendidas como “large words” (conceito que engloba, inclusive, as cenas típicas, como as de uma tempestade, e histórias formatadas) –, um compartilhado cultural no entorno do Mediterrâneo. De fato, é possível elencar as impressões e expressões comuns de um povo em frases e sintagmas recorrentes nesses poemas tal como pensava William Chase Greene (1914) já antes do sistematizador Parry (1930). Ele ponderou:

Cedo os gregos começaram a pensar no mar: Bem antes dos poemas homéricos tomarem forma literária, o grande espetáculo de sua silhueta e cor, seu drama de som e movimento, deve ter encontrado expressão na língua. Em sua forma mais simples, é isso que significa o epíteto homérico, que vocaliza, em modo descritivo largo, a natureza física de seu objeto. O mar é “largo”, “profundo”, “sem limite”, “púrpura”, “vinho-escuro”, ele é “alto e ressonante” e “muito arrojado”, “venerável”, “brumoso”. Essa coisa salgada é a “não vindimada”, se este é o significado de ἀπύνητος; assim, o trilho dos navios é nomeado “caminhos d’água”. Tais descrições brotam de impressões que não foram geradas por mente individual nenhuma. Para qualquer par de olhos o mar é largo, para qualquer par de orelhas as ondas rezingam, para qualquer língua elas são salgadas. Bem facilmente esses termos descritivos se fizeram frases convencionais e estereotipadas que se repetiam, naturalmente, nos lábios de cada um, uma vez que já haviam sido utilizadas. (GREENE, 1914, p. 428)¹²

O que Greene postulou é, realmente, o que temos na **Odisseia** e na **Ilíada**. A condição dos poemas, terreno compartilhado, deu-lhes o estatuto de literatura de fundação e nos impeliu a abordar a **Odisseia** em nosso estudo.

Não vamos percorrer os apontamentos de Greene, que cita as ocorrências do mar em muitos dos seus “estados de alma” e em vasta seleção de textos,¹³ nem mesmo os de seus inúmeros sucessores, que recolhem e analisam a presença do mar nos textos legados pelos antigos. Buscamos chegar ao alto-mar da **Odisseia** e examinar as turbulências que lá se formaram para mirar o resiliente Odisseu. Ele poderá nos levar ao sofrimento dos milhões de naufragos que transitam aflitos nas águas do Mediterrâneo contemporâneo. Milhares de homens, mulheres e crianças que morrem ao cruzar a rota central do Mediterrâneo, o caminho mais perigoso de todos os que o mar oferece. A rota oriental, percorrida por cerca de outros tantos, a maioria da Síria, está fechada desde março de 2016. Da Turquia para a Grécia, da Nigéria, Somália, Líbia...¹⁴

O mar, na **Odisseia**, é a encruzilhada que une tudo: o real dos homens, o sublime dos deuses e o imaginário dos monstros; via que se desdobra em muitos outros “caminhos molhados” os “ὕγρα κέλευθα” (**Od.** III, v. 71), veredas de um sertão literário inundado. Jaqueline Goy afirma ser a **Odisseia**, para além de uma história das aventuras de um marujo que retorna, “um poema sobre o mar, escrito com tal precisão” que poderia ser considerado “o primeiro tratado de oceanografia”. Para ela,

(...) Odisseia não é um simples relato de navegação que permite ir de um ponto a outro, mesmo que Homero nos dê o método de se localizar na imensidão da “planície marinha”. Desse modo, quando Ulisses navega, ele tem “os olhos fixos nas Plêiades e no Boieiro, que se põe muito tarde, e na Ursa, que também chamamos de Carruagem, a única das estrelas que nunca mergulha para banhos de mar. Ele navega, nas rotas da costa, mantendo a Ursa à mão esquerda” (V, vv. 270-278), assim, com esta orientação, Ulisses segue na direção do leste para voltar para Ítaca. (GOY, 2003, p. 225)¹⁵

Vale a pena conferir os versos gregos a que Goy se refere declarando que “Ulisses mantinha a Ursa à mão esquerda”. Os versos são os seguintes (**Od.** V, vv. 270-277):

*αὐτὰρ ὁ πηδάλῳ ἰθύνετο τεχνήντως
ἦμενος, οὐδέ οἱ ὕπνος ἐπὶ βλεφάροισιν ἔπιπτεν
Πληιάδας τ' ἔσορῶντι καὶ ὀψὲ δύνοντα Βοώτην
Ἄρκτον θ', ἦν καὶ ᾄμαζαν ἐπίκλησιν καλέουσιν,*

ἦ τ' αὐτοῦ στρέφεται καί τ' Ὀρίωνα δοκεύει,
οἷη δ' ἄμμορός ἐστι λοετρῶν Ὠκεανοῖο:
τὴν γὰρ δὴ μιν ἄνωγε Καλυψώ, δῖα θεάων,
ποντοπορευέμεναι ἐπ' ἀριστερὰ χειρὸς ἔχοντα.

*Então com arte firmava o leme,
sentado; nenhum sono nas pálpebras lhe pousa,
de olho nas Plêiades, no Boieiro – que tarde mergulha – e na Ursa,
a que apelidam ‘vagão’,
a que gira sobre si e espreita o Órion,
só ela é esquiva aos banhos d’Oceano!
Pois a ela tendo ele, à esquerda da mão, Calipso,
diva de deusas, levou-o a travessar o alto-mar.*

Mas observemos os detalhes da narrativa: o controle do leme, os nomes das constelações e a posição das estrelas mostram clara evidência de intimidade com o mar. O autor parece estar bem sintonizado com o mundo que o rodeia. Jaqueline Goy argumenta que esse criador não somente está situado nos mesmos espaço e tempo em que Odisseu navega, como também é extremamente “[...] consciente de que o que é mais importante para a navegação à vela é o vento”. Prova disso é que ele “consagra todo o canto X ao poder de Éolo, mestre do vento”, é Éolo que está por trás, “quando o vento se solta, a onda se agiganta e se veste com inchadas montanhas” (GOY, 2003, p. 226).¹⁶

O mar e os ventos são elementos fundamentais para se criar uma tempestade. Eles agregam e perturbam troianos, aqueus, antropófagos e gente que come pão; ele, o mar odisseico, com as forças dos ventos vindos de Éolo (ou Zeus ou Poseidão), agita os homens, os deuses e os demônios. Nesse viés, nos aliamos a Salvatore Bone, que retoma Zygmunt Bauman, para dizer que o mar movimenta e fecunda a literatura ocidental, e, na **Odisseia**, constitui-se, com sua movência, incerteza, contradição e perigo, uma espécie de “ideia líquida” (BONE, 2016, p. 119), e que a liquidez da ideia mediterrânea significa, antes de qualquer outra coisa, a presença tanto de afirmações quanto de contradições internas e de projetos hegemônicos (como a ideia colonialista de perceber como “fundadora” a cultura do Mediterrâneo) que esbarram em enfrentamentos minoritários (BONE, 2016, p. 126). Recordemos, de novo, os refugiados; a absurdidade das ondas que através do mar se põem em fuga; este é o contexto que escolhemos para ler

a tempestade que se abate sobre Odisseu, náufrago exímio que enfrenta o poder tempestuoso de Poseidão e se faz, com auxílio da estrategista Atena, vencedor.

Juan Antonio Roche Cárcel coleta e indica, ao estudar o naufrágio na tragédia ática, a construção por alegoria das catástrofes; por essa via, embora expanda sua análise sobre o medo que se apodera daqueles que navegam o mar e enfrentam piratas, segue Patricio Carvajal quando investiga o naufrágio (2007).¹⁷ Ao fim e ao cabo, dos ensaios de ambos, entende-se que os gregos, na abordagem do mar, antropomorfizaram-no e, paralelamente, fisio-morfizaram o homem em suas ações e sentimentos. As tormentas são como os infortúnios. Cárcel conclui que, nas tragédias, os dramaturgos conceberam o homem como o mar: um ser trágico assolado por desgraças e abatido pelo medo e pela dor que vive sob os mesmos tipos de forças que, com violência, açoitam o mar e as ondas que se debatem contra os rochedos.

Atribuída aos deuses, a tempestade tem beleza especial. Observar céu e mar em grande turbulência pode ser um estratagema para criar um espetáculo arrebatador, oportunidade inigualável de, na literatura, gerar o sublime.¹⁸ Henry J. M. Day (2013, p. 142-156), investigando a obra de Lucano, poeta do rol de emuladores de Homero, entende que o latino, por seu turno, não limita a tempestade aos deuses. Para Day, Lucano vê as borrascas como manifestação de fenômenos naturais de poder e desordem a um só tempo. Desse modo, o enorme volume líquido que desaba sobre um solitário marinheiro tem caráter claramente alegórico e, nesse viés, o mar terrível que desagua sobre Odisseu, depois de sua partida de Ogígia para Esquéria, pode ser visto, em meio às inúmeras paisagens que se descortinam na **Odisseia**, como efeito para retratar a luta do homem contra a aniquilação total. Nós, espectadores de terra firme, ou do livro aberto, provamos do terror instigado pelo poder das águas (ou dos deuses) em convulsões.

Vislumbremos, portanto, a bravura do herói singular que enfrenta não só a borrasca que se forma, mas todo o cosmo em fúria: um homem contra o Mediterrâneo inteiro. Vamos focalizar o *tópos* da tempestade. Os deuses decidiram: Odisseu deixará Ogígia. Calipso, a contragosto, instrui o Laertida, que corta toras de madeira, prepara-as e faz sua embarcação. A ninfa auxilia, produzindo vento propício nas velas do audaz navegante. Foi-se seu amado refém. A tranquilidade dura o tempo de 17 dias, mas no décimo oitavo... Vejamos o que Homero diz:

ἐπὰ δὲ καὶ δέκα μὲν πλέεν ἤματα ποντοπορεύων,
ὀκτωκαιδεκάτη δ' ἐφάνη ὄρεα σκιόεντα
γαίης Φαιήκων, ὅθι τ' ἄγχιστον πέλεν αὐτῶ· 280
εἶσατο δ' ὡς ὅτε ῥινὸν ἐν ἠεροειδέι πόντῳ.
τὸν δ' ἐξ Αἰθιόπων ἀνιῶν κρείων ἐνοσίχθων
τηλόθεν ἐκ Σολύμων ὀρέων ἴδεν· εἶσατο γάρ οἱ
πόντον ἐπιπλώων. ὁ δ' ἐχώσατο κηρόθι μᾶλλον,
κινήσας δὲ κάρη προτὶ ὄν μυθήσατο θυμόν· 285
ὦ πόποι, ἦ μάλα δὴ μετεβούλευσαν θεοὶ ἄλλως
ἄμφ' Ὀδυσῆι ἐμεῖο μετ' Αἰθιόπεσσι ἐόντος,
καὶ δὴ Φαιήκων γαίης σχεδόν, ἔνθα οἱ αἶσα
ἐκφυγέειν μέγα πείραρ οἴζυος, ἦ μιν ἰκάνει.
ἀλλ' ἔτι μὲν μίν φημι ἄδην ἐλάαν κακότητος. 290
ὡς εἰπὼν σύναγεν νεφέλας, ἐτάραξε δὲ πόντον
χερσὶ τρίαιναν ἐλών· πάσας δ' ὀρόθυνεν ἀέλλας
παντοίων ἀνέμων, σὺν δὲ νεφέεσσι κάλυψε
γαῖαν ὁμοῦ καὶ πόντον· ὀρώρει δ' οὐρανόθεν νύξ.
σὺν δ' Εὐρὸς τε Νότος τ' ἔπεσον Ζέφυρός τε δυσαῖς 295
καὶ Βορέης αἰθρηγενέτης, μέγα κῦμα κυλίνδων.
καὶ τότε Ὀδυσσεύς λύτο γούνατα καὶ φίλον ἦτορ,
ὀχθήσας δ' ἄρα εἶπε πρὸς ὄν μεγαλήτορα θυμόν·
ὦ μοι ἐγὼ δειλός, τί νύ μοι μήκιστα γένηται;
δεῖδω μὴ δὴ πάντα θεὰ νημερτέα εἶπεν, 300
ἦ μ' ἔφατ' ἐν πόντῳ, πρὶν πατρίδα γαῖαν ἰκέσθαι,
ἄλγε' ἀναπλήσειν· τὰ δὲ δὴ νῦν πάντα τελεῖται.
οἴοισιν νεφέεσσι περιστέφει οὐρανὸν εὐρὸν
Ζεὺς, ἐτάραξε δὲ πόντον, ἐπισπέρχουσι δ' ἄελλαι
παντοίων ἀνέμων. νῦν μοι σῶς αἰπὺς ὄλεθρος. 305
τρὶς μάκαρες Δαναοὶ καὶ τετράκις, οἱ τότε ὄλοντο
Τροίῃ ἐν εὐρείῃ χάριν Ἀτρεΐδῃσι φέροντες.
ὡς δὴ ἐγὼ γ' ὄφελον θανέειν καὶ πότμον ἐπισπεῖν
ἤματι τῷ ὅτε μοι πλεῖστοι χαλκήρεα δοῦρα
Τρῶες ἐπέριψαν περὶ Πηλεΐωνι θανόντι. 310
τῷ κ' ἔλαχον κτερέων, καὶ μεν κλέος ἦγον Ἀχαιοί·
νῦν δὲ λευγαλέω θανάτῳ εἴμαρτο ἀλῶναι.
ὡς ἄρα μιν εἰπόντ' ἔλασεν μέγα κῦμα κατ' ἄκρης
δεινὸν ἐπεσσύμενον, περὶ δὲ σχεδίῃν ἐλέλιξε.

τῆλε δ' ἀπὸ σχεδῆς αὐτὸς πέσε, πηδάλιον δὲ 315
ἐκ χειρῶν προέηκε· μέσον δὲ οἱ ἴστων ἔαζεν
δεινὴ μισγομένων ἀνέμων ἐλθοῦσα θύελλα,
τηλοῦ δὲ σπεῖρον καὶ ἐπίκριον ἔμπεσε πόντῳ.
τὸν δ' ἄρ' ὑπόβρυχα θῆκε πολὺν χρόνον, οὐδ' ἐδυνάσθη
αἶψα μάλ' ἀνσχεθεῖν μεγάλου ὑπὸ κύματος ὀρμῆς· 320
εἴματα γάρ ῥ' ἐβάρυνε, τὰ οἱ πόρε διὰ Καλυψῶ.
ὄψε δὲ δῆ ῥ' ἀνέδνυ, στόματος δ' ἐξέπτυσεν ἄλμην
πικρὴν, ἣ οἱ πολλὴ ἀπὸ κρατὸς κελάρυζεν.
ἀλλ' οὐδ' ὥς σχεδῆς ἐπελήθητο, τειρόμενός περ,
ἀλλὰ μεθορμηθεὶς ἐνὶ κύμασιν ἐλλάβεται' αὐτῆς, 325
ἐν μέσση δὲ καθίζεε τέλος θανάτου ἀλειείνων.
τὴν δ' ἐφόρει μέγα κῦμα κατὰ ῥόον ἔνθα καὶ ἔνθα.
ὥς δ' ὄτ' ὀπωρινὸς Βορέης φορέησιν ἀκάνθας
ἄμ πεδίον, πυκιναὶ δὲ πρὸς ἀλλήλησιν ἔχονται,
ὥς τὴν ἄμ πέλαγος ἄνεμοι φέρον ἔνθα καὶ ἔνθα· 330
ἄλλοτε μὲν τε Νότος Βορρῆ προβάλεσκε φέρεσθαι,
ἄλλοτε δ' αὐτ' Εὐρος Ζεφύρῳ εἴζασκε διώκειν.
τὸν δὲ ἴδεν Κάδμου θυγάτηρ, καλλίσφυρος Ἴνθα,
Λευκοθέη, ἣ πρὶν μὲν ἔην βροτὸς αὐδήεσσα,
νῦν δ' ἄλως ἐν πελάγεσσι θεῶν ἔξ ἔμμορε τιμῆς. 335
ἣ ῥ' Ὀδυσῆ' ἐλέησεν ἀλώμενον, ἄλγε' ἔχοντα,
αἰθυίη δ' εἰκυῖα ποτῆ ἀνεδύσσετο λίμνης,
ἴζε δ' ἐπὶ σχεδῆς πολυδέσμου εἶπέ τε μῦθον·
κάμμορε, τίπτε τοι ὧδε Ποσειδάων ἐνοσίχθων
ὠδύσσει' ἐκπάγλως, ὅτι τοι κακὰ πολλὰ φυτεύει; 340
οὐ μὲν δὴ σε καταφθίσει μάλα περ μενεαίνων.
ἀλλὰ μάλ' ὧδ' ἔρξαι, δοκέεις δὲ μοι οὐκ ἀπινύσσειν·
εἴματα ταῦτ' ἀποδὺς σχεδῆν ἀνέμοισι φέρεσθαι
κάλλιπ', ἀτὰρ χεῖρεσσι νέων ἐπιμαίεο νόστου
γαίης Φαιήκων, ὅθι τοι μοῖρ' ἐστὶν ἀλύξαι. 345
τῆ δέ, τόδε κρήδεμνον ὑπὸ στέρνοιο τανύσσα
ἄμβροτον· οὐδέ τί τοι παθέειν δέος οὐδ' ἀπολέσθαι.
αὐτὰρ ἐπὴν χεῖρεσσι ἐφάψεται ἠπειροιο,
ἄψ ἀπολυσάμενος βαλέειν εἰς οἶνοπα πόντον
πολλὸν ἀπ' ἠπειρου, αὐτὸς δ' ἀπονόσφι τραπέσθαι. 350
ὥς ἄρα φωνήσασα θεὰ κρήδεμνον ἔδωκεν,

αὐτὴ δ' ἄψ ἔς πόντον ἐδύσετο κυμαίνοντα
αἰθυίῃ εἰκυῖα· μέλαν δέ ἐ κῦμα κάλυπεν.
αὐτὰρ ὁ μερμήριζε πολύτλας δῖος Ὀδυσσεύς,
ὀχθήσας δ' ἄρα εἶπε πρὸς ὄν μεγαλήτορα θυμόν· 355
ὦ μοι ἐγὼ, μὴ τίς μοι ὑφαίνῃσιν δόλον αὐτε
ἄθανάτων, ὃ τέ με σχεδίης ἀποβῆναι ἀνώγει.
ἀλλὰ μάλ' οὐ πω πείσομ', ἐπεὶ ἐκάς ὀφθαλμοῖσιν
γαῖαν ἐγὼν ἰδόμην, ὅθι μοι φάτο φύξιμον εἶναι.
ἀλλὰ μάλ' ὧδ' ἔρξω, δοκέει δέ μοι εἶναι ἄριστον· 360
ὄφρ' ἂν μὲν κεν δούρατ' ἐν ἀρμονίῃσιν ἀρήρη,
τόφρ' αὐτοῦ μενέω καὶ τλήσομαι ἄλγεα πάσχων·
αὐτὰρ ἐπὴν δὴ μοι σχεδίην διὰ κῦμα τινάζῃ,
νήξομ', ἐπεὶ οὐ μὲν τι πάρα προνοῆσαι ἄμεινον.
ἦος ὁ ταῦθ' ὄρμαινε κατὰ φρένα καὶ κατὰ θυμόν,
ὄρσε δ' ἐπὶ μέγα κῦμα Ποσειδάων ἐνοσίχθων,
δεινόν τ' ἀργαλέον τε, κατηρεφές, ἤλασε δ' αὐτόν.
ὡς δ' ἄνεμος ζαῖς ἦϊων θημῶνα τινάζῃ
καρφαλέων· τὰ μὲν ἄρ τε διεσκέδασ' ἄλλυδις ἄλλη·
ὡς τῆς δούρατα μακρὰ διεσκέδασ'. αὐτὰρ Ὀδυσσεὺς 370
ἀμφ' ἐνὶ δούρατι βαῖνε, κέληθ' ὡς ἵππον ἐλαύνων,
εἵματα δ' ἐξάπεδυνε, τὰ οἱ πόρε διὰ Καλυψώ.
αὐτίκα δὲ κρήδεμνον ὑπὸ στέρνοιο τάνυσσεν,
αὐτὸς δὲ πρηγῆς ἀλὶ κάππεσε, χεῖρε πετάσσας,
νηχέμεναι μεμαώς. ἶδε δὲ κρείων ἐνοσίχθων, 375
κινήσας δὲ κάρη προτὶ ὄν μυθήσατο θυμόν·
οὕτω νῦν κακὰ πολλὰ παθὼν ἀλόω κατὰ πόντον,
εἰς ὃ κεν ἀνθρώποισι διοτρεφέεσσι μιγήης.
ἀλλ' οὐδ' ὧς σε ἔολπα ὀνόσσεσθαι κακότητος. 380
ὡς ἄρα φωνήσας ἵμασεν καλλιτρίχας ἵππους,
ἴκετο δ' εἰς Αἰγιάς, ὅθι οἱ κλυτὰ δώματ' ἔασιν.
αὐτὰρ Αθηναίη κούρη Διὸς ἄλλ' ἐνόησεν.
ἦ τοι τῶν ἄλλων ἀνέμων κατέδησε κελεύθους,
παύσασθαι δ' ἐκέλευσε καὶ εὐνηθῆναι ἅπαντας·
ὄρσε δ' ἐπὶ κραιπνὸν Βορέην, πρὸ δὲ κύματ' ἔαξεν, 385
ἦος ὁ Φαιήκεσσι φιληρέτμοισι μιγείη
διογενῆς Ὀδυσσεὺς θάνατον καὶ κῆρας ἀλύζας.

*Dez e mais sete dias navegou, cruzando alto-mar;
aí, no décimo oitavo, apontou a serra sombria da
terra dos feácios. Estava lá bem rente a ele!
Surgiu qual couraça em riba do alto-mar nevoado...
Só que a ele o chefe treme-terra, revindo dos
etíopes, ao longe, lá da serra Solimão, mirou!
Ele surgiu vogando mar! Então enfuriou-se mais
fundo e, pro imo peito, o topete agitando, atestou:
“Opa! Decerto os deuses pra Odisseu bandearam
outra vez, no meio da minha estada c’os etíopes;
mais a mais, ele já vai perto da terra dos feácios; lá,
pra ele, é fado safar-se do cume da miséria que lhe veio.
Mas hei de levá-lo, juro, ao fastio do medonho”.*
*No que disse, juntou nuvens e franziu o alto-mar;
nas mãos o tridente tomando, toda ventania topetou
co’os tantos ventos todos e todos os nevoeiros enublou
a terra e, na mesma, o mar! Noite breou céu abaixo.
Com o Euros o Notos topou; também o afiado Zéfiro com
Bóreas, boreal filho etéreo, o que a grã onda ondeia.
Aí, pois, vacilaram de Odisseu suas juntas e o fôlego;
marfado, ele diz ao imo do grão coração:
“Ô que frouxo sou, que me vem agora lá de tão longe?
Temo. Vai que decerto a deusa disse só desengano?!
Ela me disse que no mar, antes de a terra pátria chegar,
dores hão de transbordar! Isso tudo já se cumpre.
Quanta nuvem rodeou Zeus no enorme céu,
ele franziu o alto-mar e as ventanias rugem, co’os
ventos todos, agora me salvo pra um podre fim.
Os dânaos... tri, tetrafelizes os que se finaram
na larga Troia, levados ao sabor dos atridas!
É; eu devia ter morrido e rematado o porvir
no dia que contra mim, muitos, com paus-de-
esperto-bronze, os Troas, disputavam o Pelida morto.
Nisso quiçá lograva ritos, tinha glória entre os Aqueus!
J’agora, em soturna morte, foi-me dado morrer”.*
*No que falou, por cima uma superonda, de chofre
escarrada, lacera-o; a barca rangiu em roda.*

*E pra longe da barca ele bateu e o timão das
mãos arrancou! E, ao meio, o mastro forte se
lhe partiu no chegado da chusma de cruzados ventos;
e, lá longe, panos e ripa despencam no alto-mar.
E por muito tempo afundado o deixou; nem podia,
de pronto, boiar; retido pela bruteza da grande onda!
É que a veste pesava, a que lhe deu a diva Calipso.
Devagar subiu, cospe da boca salmoura em
fel, a que da cabeça lhe escorria muito, e
nem assim, mesmo roto, da barca descuidou; e,
rompendo pelas ondas, prendeu-a, bem no meio,
sentou, ele que do arremate de morte se safou.
A ela a grande onda no enxurro levava, pra cá e lá,
tal qual Bóreas outonal acantos pela planura rola
e eles, embolados entre si, maranhavam; assim,
a ela os ventos rodam pelo mar-pleno, pra cá e lá!
Dum lado Notos joga pra Bóreas rodopiar;
do outro, de volta, Euros larga pra Zéfiro lufar.
Mas viu-o a filha de Cadmo, Ino fino sopé,
BranCADEI dantes mortal e que sonora fora,
agora partilha de deuses, nos altos-mares-puro-sal,
honras. Ela lastimou o vagante Odisseu, tão doído,
aí, qual mergansa voante aparecida dum remanso,
aflorou, e se meteu nas trelas da barca e disse fala:
“Qual quê, camarço, contra ti Poseidão treme-chão
encrespou bravo e tantos males te gerou, por quê?
É, mas, inda que tão afanado, arrasar-te não vai.
Então, faz isto aqui, não me parece desvairar:
Desveste estas vestes, deixa que os ventos a barca
levem, de braçadas, porém, nadando, acha volta
para a terra feácia; lá, é destino, tu te hás de safar.
Taí, toma! À roda do peito esse indestrutível xale
enrola! Não temas nem padecer nem morrer.
Mas quando ferrares mão no chão firme,
larga-o e lança-o no alto-mar mareante de volta;
distante da costa e vira tu próprio as costas pra longe”.
No que assim vozeou a deusa, aí, o xale entregou e,*

*de volta, pelas funduras do alto-mar ondulado,
qual mergansa afundou; co'a onda sombria se cobriu.
Mas o sofrido Odisseu divino se inquietou
e, aflito, disse mesmo ao seu largo peito:
"Aziago eu! Acaso outro dolo teceu pra mim um
dos imortais, nisso de me forçar a pular da barca?
Decerto, mas eu cá, ainda, não me rendo, pois dos olhos
longe vejo a terra qu'ela disse que asilo me há de ser.
Decerto, mas é isto que farei, digno me parece ser:
o tanto que possam encaixadas estar as ripas, até
aí, fico na mesma, resisto dores padecendo, no
que me vem a onda pra dismantelar a barca:
nadarei, pois não há previsão de nada melhor".
Mal ia levantando tais coisas no tino e no imo,
levanta por cima grande onda Poseidão treme-chão,
conchuda, brutal e colossal, e ela a ele arremessa.
Foi tal qual vento borbotão que fardos de trigo seco
dismantela e, ara!, tudo espalha, ali, alhures, lá!
E assim um ripazal espalhou. Só que Odisseu em
cima duma ripa montou e galgou tal qual égua guiada,
as vestes desvestiu, as que Calipso diva lhe deu.
E, de pronto, o xale à roda do peito enrolou, e
mesurado caiu no mar-pleno, braços em asas,
disposto a nadar. Só que o chefe treme-chão viu
e agitou o topete e pra seu imo peito murmurou:
"Pois seja: no sofrer muitas agruras, erra pelo alto-mar;
quicá, até te infiltrares entre robusta gente de Zeus,
indassim, me fio: tu não hás de demandar bordoadas."
Assim, no que retumba, açoita as éguas-belas-crinas,
partiu para Egas, lá onde, pra ele, há opima mansão.
Nisso Atena, a moça de Zeus, diverso pensou.
Eh! Os cursos mesmos dos outros ventos trancou
e ordenou cessar e remansarem-se todos! Aí,
assopra pro Bóreas veloz e quebra o mar-das-ondas
até qu'ele, Odisseu-de-Zeus-nascido, entre os feácios
remeiros se infiltrasse fugido da morte e da má sorte.*

Comentários

O chefe treme-terra Poseidão detesta Odisseu. Por isso, o poeta demarca enfaticamente a chegada dele, que fará o herói, debaixo de forte refrega, combater as forças da natureza, descer às funduras das águas, receber auxílio dos deuses e chegar, náufrago, a terra desconhecida. Que detalhes construíram a magnificência da passagem?

O excerto se abre com uma fórmula comum para marcar a duração da viagem em dias: topamos o 18º dia sem novidades. Pachorra. De repente, desponta longe Poseidão. A forma verbal usada é “ἐφάνη”, “surge, desponta” (traduzida por “apontou”; homenagem ao som do termo “πόντος”). Ele apontou na serra (o neutro plural “ὄρεα σκιόεντα” foi vertido como coletivo: “serra sombria”). Boa notícia: Esquéria rente a Odisseu, igual a um escudo boiando no mar. A leitura que adotamos, “escudo/couraça”, para a terra que boia no mar é a da edição do Perseus.¹⁹ Assim, temos “ὥς ὅτε ῥίνον”, ou seja, “tal como couraça”. O sintagma é expressão condensada da frase “εἶσατο ὥς ῥίνον ὅτε εἶδεται”, “veio assim como uma couraça que aparece sobre...”. Trata-se de uma comparação breve e por metonímia (“ῥινόν” é couro de animal; parte de alguns escudos era coberta por couro; entende-se a parte pelo todo). O recurso tem efeito visual imediato, já que os escudos homéricos, redondos e com lombada, se colocados de borco, dão impressão de pequenos montes; nesse sentido, Esquéria tinha forma arredondada com elevação central. Alegria-se Odisseu. Seu maior inimigo está de férias! Como artífice engenhoso, o poeta retoma os versos 22-25 do canto I, quando, para alívio de guerreiro, Poseidão descansa entre os etíopes. A “terra dos etíopes”, nos poemas, é lugar distante, lá onde os deuses fazem banquetes e festas. Não só Poseidão, como também Zeus e Íris ficam de folga (II. I, vv. 423-424; XXIII, vv. 205-208). Hoje essas plagas são pátria de aflitos que se lançam ao mar fugindo de sistemas totalitários. Por certo, dura pouco o sossego do navegante. Eis que cruel vem Poseidão, que visa longe o infeliz. E onde se coloca o deus para avistar Odisseu? No topo da serra Solimão. Perrin afirma que os “σολύμοι” eram um lugar mítico na Ásia Menor, próximo da Lícia (PERRIN, 1894, p. 29). Heródoto (1, 173) identifica seus moradores como Lícios (1, 173), mas Homero (II. VI, vv. 167-186) coloca-os, no episódio de Belerofonte, como inimigos. A região, segundo Merry e Riddell, foi colonizada por cretenses (1886, p. 235). Stanford (1990, p. 278) remete o leitor a Heródoto e a Estrabão (1, 21, 10)

e confirma seus antecessores. Heubeck, West e Hainsworth (HWH)²⁰ realçam o lugar como ponto estratégico de visão e comentam a capacidade dos deuses de distinguirem as coisas ao longe; citam o epíteto “εὐρύοπα” para Zeus e Hélios. Para Pierron (1875, p. 247), o termo Σολύμων, genitivo de Σόλυμα, refere-se a uma cadeia de montanhas na Pisídia, daí traduzirmos a expressão por “serra Solimão”.

Eis Homero construindo o *suspense*. Estamos tensos, Odisseu vem vagando tranquilo, mas, sem saber, está sob a mira de Poseidão. O ódio do deus, pela fórmula “κηρόθι μᾶλλον” (PERRIN 1894, p. 30), colocada imediatamente depois de seu olhar (v. 284), se acirra; a frase é frequente na exposição dos afetos violentos. Pierron entende que o advérbio dá um tom de grandeza veemente e indefinida (1875, p. 247). Cada vez mais o *tópos* da tempestade se conforma com o sublime. Poseidão se põe a falar em largo solilóquio; aliás, no trecho, esse recurso é bastante utilizado (4 vezes em 109 versos). HWH (1990, p. 280) informam que, em todo o restante do poema, contra o excesso desses versos, a fórmula será utilizada apenas quatro vezes. Na *Iliada*, é utilizada uma vez no canto XI e três no XVII; uma vez no XVIII e duas nos cantos XX, XXI e XXII cada um, isto é, 11 vezes ao todo. Poseidão-mar-antropomorfizado exhibe sua irritação com um balançar de cabeça, “κίνησας κάρη”. A fórmula se repete na *Iliada* (XVII, vv. 200 e 442). “Κάρη”, para nós, passou a ser “topete”. Num mover de cabeça, vê-se a cabeleira do deus, as “cristas de ondas”; movência das águas-cabelos-ondulados de Poseidão. Imagem magnífica.

O deus brame em fórmula recorrente:²¹ “ὦ πόποι, ἦ μάλα δὴ” e compõe o 1º hemistíquio do v. 286 (lemos o termo “πόποι” como uma interjeição, “opa!”). Ele está enfurecido: foi passado para trás; mesmo assim, reconhece: Odisseu vai se salvar, quando chegar à terra dos feácios; por isso, urge fazê-lo sofrer, uma compensação pelo cegamento de Polifemo. Nesse trecho a palavra “αἶσα” é importante. HWH (1990, p. 333) indicam vários estudos sobre a passagem e sobre o uso do termo “αἶσα”, que integra, nos poemas, o campo semântico do “destino”. A bibliografia é vasta (cf., por exemplo, A. W. H. Adkins – 1960, p. 17-29). O que queremos destacar, porém, é que o termo, sendo um paralelo conceitual de “μοῖρα” (parte, lote, porção, sorte), é alternativa métrica útil. Ardil poético eficaz: Poseidão, ao indicar que Odisseu vai se salvar, deixa-nos tranquilos para apreciar o horror do temporal que vem. A ameaça sugere o tipo de gozo: vamos assistir a uma tragédia, o divino levará o mortal às raias do fim (v. 289, “πεῖραρ”):

uma catástrofe sem morte. A ênfase da ira de Poseidão se pode notar pelo sintagma “ἀλλ’ ἔτι μὲν”; nele, o “μὲν” tem o sentido de “μῆν” (PIERRON, 1875, p. 247). Traduzimo-lo como “hei de”, que, por sua vez, se associa a “ἔτι” e se junta com “φημι ἐλάαν”, isto é, “digo que o levo”. A tradução tendeu para o estranhamento; afinal, é uma divindade que fala e ameaça!

Mas, como vimos, quando Poseidão aparece – e aqui se usa de uma “quase dramaturgia” (LÉTOUBLON, 2001, p. 30) –, o narrador conduz o ouvinte com pulso forte e o faz participar da aflição do herói. Depois do anúncio de tal sofrimento causado ao herói, tudo começa. As nuvens amontoadas vão esconder Esquéria. Diferentes ventos sopram de uma só vez; o céu desce e se une com o mar; acumulações e imagens hiperbólicas aparecem. As ações são rápidas: juntar nuvens, franzir o mar, levantar o tridente e instigar ventos. Todos os quatro ventos do mar Egeu – mar interior na bacia do Mediterrâneo – uns contra os outros, em fúria, estão em cena. Nuvens e mar, sob a ação do deus, vão se unir contra Odisseu. O efeito é sublime (DAY, 2013). Ganham destaques o *enjambement* e a rapidez de ritmo dos versos. A passagem sustenta-se no real. R. Hampe (1952, p. 7 e 8 – principalmente) indica que as tormentas são bruscas e caóticas no mediterrâneo. Na tradução, preocupamo-nos em preservar a personificação do mar; por isso, o verbo “ἐτάραξε/ταράσσω”, “agitar, perturbar, assustar, etc.”, foi traduzido – guardando o estranhamento da figura divina em ação – por “franzir”.

Cresce a imagem, recorrente na iconografia, do deus que instiga mar e ventos com o seu tridente. Ele escondeu a terra dos feácios, ocultou com nuvens mar e céu. Tudo é breu. Terra, mar e céu anoitecido se tornam um só e escuro mundo. Merry e Riddell (1886, p. 236) e Stanford (1987, p. 302) fazem notar que a linguagem e o ritmo do verso sugerem ação repentina. Stanford realça o monossílabo “νόξ” no fim do v. 294, que se fecha de forma abrupta: a noite deságua, desaba em súbita queda.

Observe-se que a união das forças da natureza contra o herói não exclui, inclusive, a disputa delas entre si. Na primeira etapa, nuvens e ondas agem juntas, nessa segunda os ventos se desentendem. O Euros se choca com o Notos; o Zéfiro, que é designado como um vento assaz violento (cf. II, II, v. 147), com o Bóreas. O deus fez. Odisseu tremeu. Ele prorrompe em lamentos. Desejaria ter morrido na guerra, lastima, pois, no mar, não vai angariar faustoso funeral. Seu vigor foi abalado no corpo e no ânimo. Universo e herói estão em caos. Os sentimentos misturados se manifestam num solilóquio mais longo que o de Poseidão. O v. 299 se inicia com uma fórmula

banal (“ὦ μοι ἐγὼ δειλός”, em nossa tradução, “Ô que frouxo sou!”) que soa como reprimenda de si para si. O filho de Laertes, num abalo momentâneo, assume o medo, “δεῖδω”; recompondo-se, volta à sua capacidade de rever as próprias ações e redireciona-se para o propósito final. Assim faz retrospectiva das previsões de Calipso. A profecia traz-lhe alento.

A atenção do naufrago está no espaço do vasto céu. O herói fica de tal modo impressionado que atribui a ação formadora da tempestade a Zeus, o “νεφεληγερέτα” mor. Ele erra; Poseidão gerou a tormenta. A ignorância do agente por parte de Odisseu, para HWH (1990, p. 281), cria verossimilhança; nós a vemos, entretanto, como ironia do poeta. O tom irônico, o qual tentamos manter na tradução, é reiterado – por causa da antítese – na fala do herói: “Agora me *salvo* para um *podre fim*.”

Subindo aos céus, em tom exacerbado e crescente, vão os seus queixumes. O passado invadiu a memória desse ex-combatente, e a nostalgia de Troia e a vontade de morrer em glória o esmagam. Ele lamuria-se por não poder conquistar para si as honras devidas aos varões valorosos, as que Aquiles recebeu; façanha ambiciosa: um simples mortal ser tratado como Aquiles, o filho de Tétis... Aliás, nessa circunstância, a Odisseu de nada lhe valeu ser bisneto do rei dos ventos. O lamento o faz patético. A exposição pós-morte, que traz consequências para o defunto (II. XXIII, vv. 69-74; Od. XI, vv. 51-78) e configura humilhação (HWH, 1990, p. 281), o oprime. O fausto dos funerais homéricos representa o prêmio derradeiro; além disso, “em tempo de guerra, a morte se converte em festim” (VERMEULE, 1984, p. 183). Morrer era definitivo. Por alguns instantes nos esquecemos de Poseidão. E, de súbito, no movimento cósmico desordenado, o assalto de uma onda enorme estraçalha a barca e lança fora o herói. A onda desce do alto descrevendo um ataque brusco o qual traduzimos por “escarrar”, personificando a onda como uma excreção do mar-Poseidão. A barca rangiu. Podemos pensar que o texto sugere outro efeito de “suspense” e perguntamos: “Odisseu vai morrer agora?”. Afundado no abismo, ele não podia erguer-se (v. 320), mas, resiliente, retorna. Já quase perdido, recebe o auxílio leal de Ino Leucoteia, nome que traduzimos por “Brancadei”. Sua intervenção é uma surpresa, dado que, na rotina do poema, esperávamos que fosse outra a salvadora. Lambin (2004, p. 99) constata a expectativa frustrada com a ausência de Atena nesses versos. A deusa aparecerá apenas no final da cena. Brancadei surge, em símile, como um pássaro marinho, “αἴθουα”; alguns traduzem o vocábulo por “mergulhão”, uma espécie do gênero *Mergus* hoje ameaçada; outros, por “gaivo-

ta”; nós o traduzimos por “mergansa”. O símile – para os que conhecem o objeto recuperado – nos faz ver a forma quando surge a tal “marrequinha”, mergansa. Em meio a bravo temporal, no mesmo verso, como realça Lambin (2004, p. 100), um remanso (λίμνη). É nesse lugar sossegado que ela boia. Deusa sendo, como Calipso, ela prevê a vitória de Odisseu no combate contra águas e ventos; depois disso, ela ordena e recebe uma desobediência em troca. A razão da rebeldia e resistência de Odisseu advém do fato de que a ordem causará dupla perda: o abandono da barca e das ricas vestes oferecidas por Calipso (LAMBIN, 2004, p. 101). Ademais, a recusa reforça o caráter astucioso de Odisseu, que duvida da oferta e gratuidade da deusa. Só no v. 373 é que ele reconhece que seu próprio corpo, com o auxílio da estranha deusa, será meio mais eficaz para a salvação. Nada lhe restará; da divindade e de seu próprio corpo virá sua redenção. Ino exortou: “abandonar o navio” sem olhar para trás, usar o xale ofertado e abandoná-lo também. A passagem sugere um *tópos* comum: há perigo no apego e no ato de olhar para trás. O recado foi dado, a cena se fecha com uma fórmula recorrente nos poemas homéricos, “ὧς ἄρα φωνήσασα”, que normalmente compõe o 1º hemístiquio de versos de transição.

O herói pondera, em solilóquio, e não se entrega confiadamente à ordem de uma marrequinha. O trecho tem um tom emocional bem marcado pela expressão “ὦ μοι ἐγώ”, traduzida como “aziago eu”. O medo aumenta (PERRIN, 1894, p. 37), teriam os deuses fabricado para ele mais um “dolo” (δόλον αὐτε)? Com sua hesitação, a dramaticidade cresce. Enquanto reflete, em meio à pausa deliberativa, de chofre, ele recebe outro golpe fulminante do mar. É a forte e intimidadora grande onda, a conhecida e temida pelos marujos veteranos. Merece realce a fusão “Poseidão e onda de mar” (v. 366-367): o deus se torna um enorme corpo de água e, através dessa fusão, entra em ação novamente; brutal e colossal, ele arremessa o herói para longe. Unem-se mar, vento e deus “em crescendo” de forças, é o ápice do combate. A onda implacável é descrita em detalhes: vem do alto, é enorme, é “δεινόν τ’ ἀργαλέον τε, κατηρεφέες” (“colossal, brutal e em forma de arco, ou de concha”). Na tradução, trocamos a ordem por motivos de sonoridade. Assim, após a descrição minuciosa, o poeta, através de um símile, nos leva para a imagem de destruição provocada por uma ventania no campo.²²

Finalmente, depois do baita susto, Odisseu resolve atender à “marrequinha-deusa”: desveste a túnica, monta sobre uma das ripas despregadas da barca e, como se cavalgasse uma égua, nu, se põe a nadar. Mas, de pronto,

entra em cena, outra vez, Poseidão. Cresce o medo na gente. Odisseu só, em pelo, sobre um pedaço de madeira, que mais lhe admirá? Enfim nossa expectativa é frustrada. Poseidão, entediado, desdenha e abandona a pobre presa ao sabor das ondas. O deus parte para Egas, lugar de culto seu. Princípi a bonança com Palas Atena, que fecha os caminhos dos ventos (exceto a rota do Bóreas), que devem se acalmar (εὐνηθῆναι) para dormir. Com o auxílio da padroeira, Odisseu, no bafejo de Bóreas, depois de nadar por dois dias, chega a Esquéria (PERRIN, 1894, p. 39): a salvação não tarda.

Documentação escrita

HOMER. *Homer's Odyssey*. (Books I-XII). Introd. e comm. W. Merry; James Riddell. Oxford: Clarendon Press, 1886. (v. 1).

_____. *Homer's Odyssey*. (Books V-VIII). Introd. e comm. B. Perrin. London/Boston: Ginn & Company, 1894.

_____. *Iliad*. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3atext%3a1999.01.0133>>. Acesso no período de 10/12/2015 a 10/12/2016.

_____. *Iliadis*. Oxford: Oxford University Press, 1989. (v. I e II).

HOMÈRE. *L'Odyssee d'Homère*. (Chants I-XII). Introd. e comm. Alexis Pieron. Paris: Librairie Hachette, 1875.

HOMER. *Odyssey*. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3atext%3a1999.01.0135>>. Acesso no período de 10/12/2015 a 10/12/2016.

_____. *Odyssey of Homer*. Introd. e comm. W. B. Stanford. London: St Martin Press, 1987.

Referências bibliográficas

ADKINS, A. W. H. *Merit and responsibility: a study in Greek values*. Oxford: Clarendon Press, 1960.

BEAULIEU, M.-C. *The sea in the Greek imagination*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2016.

BEEKES, R. *Etymological dictionary of Greek*. Leiden/Boston: Brill, 2010.

BONO, S. Mediterraneo, storie di una idea liquida. *Mediterranea: ricerche storiche*, Palermo, v. XIII, n. 36, p. 119-132, 2016.

CHANTRAINE, P. **Dictionnaire étymologique de la langue grecque**: histoire des mots. Paris: Les Éditions Klincksieck, 1968/1970/1974/1977. (v. I, II, III, IV).

CÍCERO, Antônio. **Guardar**: poemas escolhidos. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1996.

DAY, H. J. M. **Lucan and the sublime**: power, representation and aesthetic experience. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

FENNO, J. A great wave against the stream: water imagery in Iliadic battle scenes. **American Journal of Philology**, Baltimore, **V.** 126, n. 4, p. 475–504, 2005.

FOLEY, J. M. “Reading” Homer through oral tradition. **College Literature**, West Chester, v. 34, n. 2, p. 1-28, 2007.

GAILLARD, F.; HAGLER, S.; DENNISTON, P. (Org.). **In the path of the storms**. Auburn/Alabama: Pebble Hill Books/Auburn University Press, 2008.

GOY, J. La mer dans l’Odyssée. **Gaia**: Revue interdisciplinaire sur la Grèce Archaique, Grenoble, v. 7, n.1, p. 225-231, 2003.

GREENE, W. C. The sea in the Greek poets. **The North American Review**, Cedar Falls, v. 199, n. 700, p. 427-443, 1914.

HAMPE, R. **Die Gleichnisse Homers und die Bildkunst seiner Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1952.

HEUBECK, A.; WEST, S.; HAINSWORTH, J. B. **A Commentary on Homer’s *Odyssey***. Oxford: Clarendon Press, 1990. (v. I).

JANKO, R. **The “Iliad”**: a commentary. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. [v. IV (books 13-16)].

LAMBIN, G. L’épisode d’Inô-Leucothéa (‘Odyssée’, V, v. 333-353), **Bulletin de l’Association Guillaume Budé**, Paris, v. 1, n. 2, p. 97-110, 2004.

LAUSBERG, H. **Elementos de retórica literária**. Trad. R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

LÉTOUBLON, F. Le récit, de la formule à l’image. **Europe**: revue littéraire mensuelle – Homère, Paris, n. 865, p. 20-47, 2001.

LÓPEZ, M. I. R. Arqueología y creencias del mar en la antigua Grecia. **Zephyrus**, Salamanca, n. LXI, p. 177-195, enero-junio/2008.

MORRISON, A. D. **The narrator in archaic Greek and Hellenistic poetry**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

MUGLER, Charles. **Les origines de la science grecque chez Homère**. L’homme et l’univers physique. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1963.

PARRY, M. Studies in the epic technique of oral verse-making. *In: _____*. (Org.) **The making of Homeric verse: the collected paper of Milman Parry**. Oxford: Clarendon Press, 1971, p. 266-324.

PEREIRA, M. H. da R. Fórmulas e epítetos na linguagem homérica. **Alfa**, São Paulo, v. 28, p. 1-9, 1984.

THEODOSSIOU, E.; MANIMANIS, V. N.; MANTARAKIS, P.; DIMITRIJEVIC, M. S. Astronomy and constellations in the ‘**Iliad**’ and ‘**Odyssey**’. **Journal of Astronomical History and Heritage**, Chiangmai, v. 14, n. 1, p. 22-30, 2011.

VERMEULE, E. **La muerte en la poesía y en el arte de Grecia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

VIVANTE, P. **Homer**. New Haven: Yale University Press, 1985.

_____. Rose-fingered Dawn and the idea of time. *In: ATCHITY, K.; HOGART, R. C.; PRICE, D.* (Org.). **Critical essays on Homer**. Boston: G. K. Hall, 1987, p. 51-61.

_____. **The epithets in Homer: a study in poetic values**. New Haven/London: Yale University Press, 1982.

Sítios

CÁRCEL, J. A. R. Una aproximación sociológica y cultural al mar desde la tragedia griega. *In: CORTÉS, C.* (Org.). **El mar en las literaturas del Mediterráneo Occidental**. Universitat d’Alacant. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2008. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmctf095>>. Acesso em 04/06/2015.

CARVAJAL, P. I. R. Naufragio, Piratería y “Sodales” Marítimas. **Revista de estudios histórico-jurídicos**, Valparaíso, n. 29, p. 233-243, 2007. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.4067/S0716-54552007000100005>>. Acesso em: 04/06/2015.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas no Brasil. Disponível em: <<https://na-coesunidas.org/mais-de-28-mil-migrantes-chegaram-a-europa-pelo-mediterraneo-nos-15-primeiros-dias-de-2017/>>. Acesso em 04/02/2017.

MAIS de 40 refugiados morrem em naufrágios no mar Egeu. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2016/01/22/mais-de-40-refugiados-morrem-em-naufragios-no-mar-egeu.htm?mobile>>. Acesso em: 22/01/2016.

¹ Esta conferência é parte de pesquisa mais ampla, desenvolvida com Matheus Trevizam e Júlia Avellar, e que se dedica ao estudo do *tópos* da tempestade no mundo antigo.

² Nossa tradução para: “The sea is everywhere in the Greek landscape”.

³ Nossa tradução para: “... la mer semble, certes, être le milieu naturel des grecs”.

⁴ Nossa tradução para: “The sea is everywhere in the Greek landscape. From rugged mountaintops to low-lying plains, the Mediterranean is rarely out of sight. For islanders and coastal villagers the sea is more than a geographical reality, it is a way of life. This was even truer for the Greeks of Antiquity, who were excellent seafarers and sustained fisheries from the earliest times onward. In fact, the Greeks relied on the sea not only for sustenance and transportation, but also for news, warfare, commercial and political exchange, as well as scientific development. The sea also held a large place in the religious life of the Greeks. Seawater was used for various kinds of purification, many rituals were held on the seashore, and some festivals required throwing offerings to the gods into the sea. Seafaring was also the occasion for numerous rituals. In this way, the sea pervades many aspects of ancient life”.

⁵ A. Cícero (1996, p. 25) canta a chegada de um emigrante pelo mar: “Buscando o ocidente com o olhar/ que desde sempre foi límpido e grávido./ Chegou à terra ao fim de todo mar./ Sem planos certos foi e até sem roupa, / sem cada dia o pão e sem família,/ sem nem saber o que era o Ocidente,/ chegou chorando assim como quem nasce, e o mundo alumbra um segundo e assombra”. Perguntamos: pode a arte estrangeira (mar literário) chegar ao Brasil como criança que nasce chorando esperando uma tradução?

⁶ Nossa tradução para: “Grecia es una tierra marinera por antonomasia y el mar un elemento que habría de convertirse en el origen de múltiples y profundas creencias. Em un marco ideológico de tintes naturalistas, el dominio marítimo desempeñó un papel cardinal en la civilización griega, ya que muchas de sus facetas, tanto históricas como legendarias, tienen al mar como telón de fondo. La complejidad natural del piélago, cuyos fenómenos tienen la capacidad de sobrecoger el espíritu humano, su insondable grandeza, su versatilidad, su misterio y su hermosura justifican que el mar fuera concebido por los griegos como morada de los dioses, espacio de mitos y creencias”.

⁷ Publicação *on-line*, disponível em <<http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmctf095>>. Texto não paginado. Acesso em 20/01/2017.

⁸ Nossa tradução para: “Rain, the coldest and heaviest I have ever felt, pounded me relentlessly,” she said. “Then the vicious wind picked me up and immersed me in one of those craters made by an uprooted tree. I clutched the limb . . . and held on

for dear life, barely conscious of the weird noises all around me – the shrieks of frightened birds, the woeful cry of a drowning calf, the dying moans of Mr. Deakle’s old white mare pinned beneath the demolished barn”.

⁹ Tradução nossa de: “...dead chickens, bloated hogs, writhing snakes”.

¹⁰ Tradução nossa para: “The hurricanes come and the hurricanes go, requiring resilience of those who survive”.

¹¹ Bibliografia breve: Parry (1971), Vivante (1982 e 1987, Clark (2006), Foley (2007).

¹² Nossa tradução para: “The Greeks began early to think about the sea. Long before the Homeric poems took literary form, the great spectacle of its shape and color, its drama of sound and motion, must have found expression in speech. In its simplest form, this means the Homeric epithet, which voices in a large descriptive way the physical nature of its object. The sea is ‘wide’, ‘deep’, ‘boundless’, ‘purple’, or ‘wine-dark’; it is ‘loud-sounding’ and ‘much-dash’, ‘hoary’ or ‘misty’. This “salt thing” is “unvintaged”, if that be the meaning of ἀτρυγγητος; as the highway of ships, it is named the ‘waterways’. Such description comes from impressions that have not been turned over in any individual mind. To any pair of eyes the sea is large, to any ears its breakers are surging, to any tongue they are salt. Quite easily the descriptive terms became stereotyped in conventional phrases which recurred naturally to the lips of everybody, when once they had been used”.

¹³ Também Juan Antonio Roche Cárcel cataloga as ocorrências de imagens do mar. Ele se restringe ao teatro, à tragédia, em “Una aproximación sociológica y cultural al Mar desde la Tragedia Griega”.

¹⁴ Dados disponíveis em <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2016/01/22/mais-de-40-refugiados-morrem-em-naufragios-no-mar-egeu.htm?mobile>>. Acesso em 22/01/2016.

¹⁵ Nossa tradução para: “(...) **L’Odyssee** n’est pas un simple récit de navigation pour aller d’un point à un autre, même si Homère donne la méthode pour se repérer dans l’immensité de ‘la plaine marine’. Ainsi, lorsque Ulysse navigue: ‘son œil fixait les Pléiades et le Bouvier qui se couche si tard et l’Ourse qu’on appelle aussi le Chariot, la seule des étoiles qui jamais ne se plonge aux bords de l’océan. Il navigue sur les routes du large en gardant toujours l’Ourse à gauche de la main.’ (V, vv. 270-278), si bien qu’avec cette orientation, Ulysse va vers l’est et revient vers Ithaque”.

¹⁶ Nossa tradução para: “[...] bien conscient que ce qui est le plus important pour la navigation à voile c’est le vent, au point qu’il consacre tout le chant X au pouvoir d’Éole, maître du vent: ‘Quand le vent se déchaîne, le flot devient géant et dresse ses montagnes gonflées’”.

¹⁷ Nossa tradução para: “El naufragio en la Antigüedad, además de su sentido catastrófico, conservado hasta hoy a pesar de los cambios culturales (...) también tuvo

un sentido religioso-político completamente diferente. Dicho sentido, que es el originario, conecta el naufragio con la exclusividad de la protección divina y, en consecuencia, también de la protección jurídica a los solos individuos de la propia sociedad política: con meridiana claridad, los antiguos pensaban que si un extranjero (...) sufría una catástrofe marítima (...) esto no podía ser otra cosa que la expresión del castigo proveniente de la ira de los dioses, de tal forma que el náufrago era un sujeto completamente indigno del socorro de los hombres y del de la ley”. (Publicação *on-line*, texto não paginado).

¹⁸ Entendemos o sublime como uma estratégia de criação que oferece meios para se obter a sensação de imponente, temor e maravilhamento diante de fenômenos naturais grandiosos.

¹⁹ Homero será citado a partir do texto oferecido gratuitamente pelo “Projeto Perseus”: **Odysey**, <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3atext%3a1999.01.0135>; (acesso de 10/10/2015 a 10/12/2016); **Iliade**, <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3atext%3a1999.01.0133>; (acesso no período de 10/10/2015 a 10/12/2016). Edição escolhida por estar em domínio público.

²⁰ A partir de agora citados como HWH.

²¹ Esta fórmula ocorre na **Odisseia**, por exemplo, em IV (v. 169 e v. 333), IX (v. 507), XI (v. 436), XIII (vv. 172 e 383) e XVII (v. 124).

²² Stanford comenta que este canto V seria o trecho do poema em que há mais símiles (vv. 328, 394, 432, 488). Todos, exceto um, tomados da vida rural que contrasta com as vagas marítimas (STANFORD, 1987, p. 304).